

REVISTA
ÁFRICA[S]

E-ISSN 2446-7375
ISSN Impresso 2318-1990
Vol. 8 | Nº. 15 | Ano 2021

EDITORIAL

Comitê Editorial Executivo

Alexandre Antônio Timbane
Alyxandra Gomes Nunes
Bas'lele Malomalo
Detoubab Ndiaye
Ivaldo Marciano de F. Lima
Jacimara Vieira dos Santos
Pedro Acosta Leyva

Editor-Gerente

[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

EDITORIAL:

Ivaldo Marciano de França Lima

Quinze números! Eis um bom começo para iniciar este editorial, celebrando algo tão significativo. Ou, quem sabe, lamentar-se perante as realidades tão difíceis. Talvez devêssemos, prezado leitor e estimada leitora, optar por discutir e celebrar o contexto político do país... E aí esqueceríamos-nos desta marca dos quinze números e ficaríamos, tão somente, discorrendo sobre as dificuldades diversas. Bem, se estivéssemos em um tempo em que não se viam pessoas em busca de comida nas ruas, atrás dos restos nos lixos, ou a multidão de desempregados que tomou o país, quem sabe não estivéssemos celebrando alguma questão positiva em torno dos Estudos Africanos ou da História da África... Quem sabe... Contudo, apesar dos quinze números é importante transmitir ao leitor o quão difícil tem sido manter uma humilde pós-graduação lato sensu, ou mesmo este periódico que tem o propósito de contribuir com a divulgação de trabalhos decorrentes de pesquisas sobre o continente africano ou das suas representações. Sim, tem sido missão hercúlea, na verdadeira acepção do termo, sobretudo diante da diminuição de rostos felizes, posto que em tempos de pandemia o que nos sobra são as aulas por mediação remota, acrescidas das atividades de igual natureza. E de quebra, jovens adoecidos, pessoas sem perspectivas e um sentimento de ódio que perpassa vários contextos e circunstâncias.

Quinze números! Celebrar? Bem, ainda temos muito que fazer. Há que se levar a bom termo o projeto existente neste humilde programa de pós-graduação lato sensu, de transformá-lo em stricto sensu, com o intuito de potencializar o que vem sendo feito pelo Grupo de Pesquisa África do Século XX, que é responsável pela edição de nosso querido e jovem coirmão **Cader-nos de África Contemporânea**. Há que se avançar para dispormos de outros programas de pós-graduação que tenham os Estudos Africanos ou a História da África como foco. Há que se apostar para que mais e mais estudos sobre os países do outro lado do Atlântico sejam feitos, e com eles um melhor conhecimento das práticas, costumes, culturas, discursos e pessoas venham à tona. Há que se rejeitar as ideologias extremadas que atrapalham mais do que ajudam na compreensão dos eventos, fenômenos e contextos dispostos no continente africano.

Ainda hoje persistem as referências à África una, homogênea e indistinta, seja na acepção colonialista, que retroalimenta um continente tomado pelas florestas e por animais selvagens, com homens e mulheres primitivos, seja na acepção herdada do pan-africanismo e suas variantes, que jogam um espaço plural para a condição de “coisa essencializada”. As referências constantes ao continente como espaço de uma dada cor, música, religião, comida, cultura e identidade, ao contrário do que pensam seus enunciadores, reduz o poder de uma África plural, diversa, podero-

sa em termos de diversidade linguística, de pluralidade religiosa e um vasto acervo de mitos, culturas, práticas, hábitos, costumes... Além disso, estabelece um estranhamento entre a África que existe, e aquela que prevalece nas representações. Infelizmente estas duas representações de África, decorrentes das invenções esboçadas e retroalimentadas no passado, persistem nos corações e mentes de grande parte dos brasileiros, mesmo daqueles que chegaram aos ambientes acadêmicos. Contudo, há os que caminham na contramão, e estes são os que nos interessam para podermos celebrar o que é possível de ser festejado.

E é sob a esteira da celebração que trazemos a alegria de um dossiê igualmente feliz, apesar de sua seriedade inerente. O presente número tem a História a partir das histórias em Quadrinhos como questão, e desta forma contribuímos com importante discussão no âmbito da História, mas que é ainda muito negligenciada entre os historiadores. Tal questão se agravará, em termos de negligência, caso acrescentemos a isto o aspecto da África como sendo o tema principal destes artigos que reúnem quadrinhos e o continente africano como objetos reunidos. Mediante a provocação de organizar e publicar um dossiê reunindo artigos sobre África e quadrinhos, um dos mais refinados historiadores e africanistas, o ilustre colega Márcio Rodrigues, que juntamente com o não menos ilustre Daniel Figueiredo fizeram vir à tona trabalhos que indicam ao leitor e a leitora a sofisticação e o refinamento de autores que não só apresentaram problemas lúdicos do âmbito da História, mas igualmente indicaram que os quadrinhos constituem objeto por excelência para compreender questões diversas.

Os quadrinhos, assim como o cinema, representam o problema de pesquisa em si, e o historiador que se propõe caminhar por estas áreas não apenas tem de enfrentar as questões existentes no meio pesquisado, mas também de entender uma gama de minudências dispostas no desenho, argumento e roteiro. Não se trata de algo fácil e simples, e talvez por isso tenhamos poucos especialistas na área, mas eles existem e este dossiê, **“Quadrinhos a partir das África (s)”** certamente constitui boa indicação desta certeza.

Além do dossiê, integram este número os artigos do fluxo contínuo. Pamela Esteves, em **“O Processo de Transição Política na África do Sul: a Busca Pela Verdade e a Tentativa de Reconciliação”**, discute questões sobre a Comissão da Verdade e Reconciliação no contexto político da África do Sul pós apartheid. Com base em acurada análise de documentos produzidos no âmbito desta comissão, Pamela nos faz enxergar aspectos de micro contextos de um país ainda marcado por um regime pautado pelo ódio e a segregação de seres humanos. Além disso, Pamela contribui para difundir no Brasil uma questão não menos importante, mesmo que este não tenha sido seu objeto primeiro: a África é um continente, e a África do Sul dos países que lhe integram. Só esta informação já valeria a leitura de tão profícuo artigo.

Alex Andrade Costa e Jacob Lussento Cupata, numa perfeita harmonia de trabalho a quatro mãos, trazem para nossos leitores o genial e profícuo artigo intitulado **“O Ensino de História da África no Sistema Educacional Angolano e Brasileiro: Avanços e Limites”**. Em suas páginas, os autores nos mostram questões sobre as legislações e os currículos da Angola pós-colonial e do Brasil pós-ditadura militar. Partindo de um problema de pesquisa, os autores buscam refletir sobre os avanços e retrocessos existentes no contexto da inserção da História da África nas matrizes curriculares dos dois países citados, em um bom exercício de história comparada. Além desta discussão, registre-se também a possibilidade de se conhecer, a partir das páginas deste artigo, um pouco sobre o contexto educacional angolano. Ao que parece, a missão da Revista África(s) em mostrar a diversidade do continente vem sendo cumprida.

Marcele Franceschini, em seu artigo intitulado **“Como se eu Fosse um Outro ou o Fantasma Entorpecido e Ofegante de Mim”**: o eu Plural do Narrador de a Rainha Ginga, de José Eduardo Agualusa”, ao bom estilo da Teoria Literária, analisa o modo como o narrador de “A Rainha Ginga: e de como os africanos inventaram o mundo” descreve os contextos e circunstâncias em que está inserido. Por sua condição de homem de duas raízes, como bem define Marcelle, Eduardo Agualusa consegue instilar questões comuns ao continente africano e ao Brasil, tornando suas narrativas mais complexas do que o normal. Ao que nos parece, a importância deste artigo reside na capacidade da autora em traduzir questões que nem sempre estão evidentes, o que aumenta enormemente o valor de tão fecundo texto.

Por fim, com o status de um encerramento com chave de ouro, este número apresenta o artigo de autoria de Victor Simões Henrique, intitulado **“A Contribuição do Comércio Informal nas Transformações Econômicas e Sociais no Meio Rural na Província de Inhambane (1990-2014)”**. Sob o aguçado e acurado olhar de um especialista na análise de eventos cruzados, Victor Simões nos faz ver como a partir do comércio e da migração as mulheres de Inhambane obtiveram ganhos no âmbito dos direitos em seu cotidiano. A partir das entrevistas e do trabalho de campo, Victor Simões Henrique mostra como a migração para a África do Sul interfere nas relações de gênero, e do quanto isso se reflete nas famílias desta província moçambicana.

Como já foi escrito em outros números, eis mais uma contribuição para aqueles e aquelas desejosos em aprender um pouco mais sobre os diferentes países do continente africano. Será um sonho difícil projetar um país em que seus habitantes reconheçam a África como espaço plural e repleto de povos distintos e diversos? E seria desejar muito que isto contemplasse também suas culturas, religiões, falares, culinárias e mitos? Esperamos que não. Aliás, os esforços de abnegados docentes, pesquisadores que nas horas vagas fazem divulgação científica nas

plataformas e redes sociais, têm resultado em algum êxito. Hoje podemos festejar a existência de um periódico com artigos específicos sobre o continente africano. Podemos também sonhar com outro país, diferente deste em que estamos a viver. Sim, sonhar é importante, como também sorrir e ler. Eis nosso propósito em relação a este periódico: proporcionar sorrisos e leituras, mesmo que estes não estejam necessariamente atados. Que o leitor e a leitora possam desfrutar destas páginas, sorvendo o saber pleno existente nas mesmas.

Boa leitura a todos e todas!